

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Autora – Ingrid Silva Barbosa Peçanha¹.

Orientadora – Professora Doutora Rosilene de Oliveira Pereira².

RESUMO

O presente artigo trata da violência nas escolas através de uma sucinta revisão bibliográfica sobre o tema. O objetivo é demonstrar algumas proposições teóricas acerca do conceito diverso da violência aplicado ao âmbito escolar, e assim, discorrer sobre as formas variadas com que alguns teóricos abordam a questão da violência e as distinções conceituais que eles propõem ao debate sobre a verdadeira natureza desse fenômeno. Conceitos de transgressão, agressividade, violência, incivilidade e indisciplina, serão expostos. Buscou-se neste trabalho apreender a violência escolar como um fenômeno social, que como tal abarca a cultura, a classe social e o período histórico em que incide.

Palavras-chave: Escola, Relações Sociais, Conflito, Violência Escolar.

REFLECTIONS ON SCHOOL VIOLENCE

ABSTRACT

This article deals with violence in schools through a brief literature review on the topic. The goal is to demonstrate some theoretical propositions about the concept of violence applied to diverse the school, and thus discuss the various ways in which some theorists see addressing the issue of violence and the conceptual distinctions that they propose to debate about the true nature of this phenomenon. Concepts of transgression, aggression, violence, incivility and indiscipline will be exposed. We attempted to apprehend this work to school violence as a social phenomenon, such as that embraces culture, social class and historical period to which it relates.

¹ Graduanda do 10º período do Curso de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, Abril de 2013. Endereço eletrônico: ingridesbp@hotmail.com

² Professora Doutora da Faculdade de Educação – FACED – da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

Key-words: Education, Social Relations, Conflict, School Violence.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo o estudo da violência escolar que vem já há algum tempo sendo alvo de pesquisadores das mais diversas áreas, entre elas, a Educação, a Sociologia e a Psicologia, em decorrência disso, realizar uma reflexão, sobre as tendências teóricas que tem permeado a discussão sobre violência escolar e propor no final deste trabalho alguns questionamentos sobre o tema.

A violência tem crescido entre os jovens e esse dado não é desconhecido da população, por que vez ou outra a mídia explora esse tipo de conteúdo e mostra a sociedade o nível de vulnerabilidade no qual a juventude está exposta, principalmente os jovens pobres³. A escola tornou-se um ponto basal nessa discussão. As manifestações violentas assumiram formas variadas e sutis, entre esse grupo, sendo por vezes, camufladas por trás de um cenário aparentemente tranquilo na dinâmica das relações sociais. É neste contexto que o cotidiano escolar tem sido palco de manifestações agressivas, variando, desde depredações até agressões verbais e físicas.

A violência escolar não é um fenômeno social novo⁴, ao contrário, é possível dizer que ela sempre esteve presente no ambiente escolar, em maior ou menor medida, mas há uma mudança de ótica na observação deste fenômeno pela sociedade. Hoje a violência é encarada como um problema que já se instalou no interior das escolas e não temos como ignorá-la, mas sim, debater e buscar soluções.

A análise do fenômeno da violência deve partir do reconhecimento da sua complexidade, abarcando tanto a existência de múltiplas formas de violência, com suas diferenças qualitativas, como também os diferentes níveis de significação e os seus diversos efeitos históricos.

³ Tal fato se confirma pela realização, nos dias 05,06 e 07/03/2001, na sede da UNESCO (órgão da ONU para a educação e cultura), em Paris, da primeira conferência mundial sobre a “violência nas escolas e políticas públicas”. O evento contou com a presença de 400 especialistas e responsáveis por políticas públicas provenientes de cerca de 30 países, dentre os quais o Brasil.

⁴ Os professores e a opinião pública pensam a violência como um fenômeno novo que teria surgido nos anos 80 e se teria desenvolvido nos anos 90. Existem relatos sobre atos violentos nas escolas desde meados do século XIX. (CHARLOT, 2002, p.432).

O primeiro tópico deste artigo insere a violência no contexto escolar e com isso busca uma breve exposição sobre os principais atores sociais envolvidos nesse fenômeno.

O segundo tópico traz algumas concepções acerca da definição do conceito de violência, apresentando as formas variadas com que alguns teóricos veem abordando a questão, mostrando ao leitor o não consenso sobre sua delimitação. Nessa exposição teórica do conceito se fará uma ponte com a sua perspectiva no meio escolar.

O terceiro e quarto tópicos tem um caráter mais específico, neles pretende-se discorrer efetivamente sobre a violência escolar, perpassando pelo pesquisador Eric Debarbieux⁵ que observa a violência intraescolar de forma mais ampla (terceiro) e outros que o fazem através de categorizações (quarto), onde conceitos de transgressão, agressividade, violência, incivilidade e indisciplina, serão expostos.

Como conclusão, nas considerações finais, pretende-se levantar o debate do fenômeno da violência, partindo do reconhecimento da sua complexidade, fechando com minhas apreciações.

A análise do tema através de uma revisão bibliográfica e qualitativa constituiu-se na metodologia utilizada neste trabalho, já que isso é a base para uma investigação consistente. As principais fontes consultadas para a elaboração do referencial teórico são: artigos em periódicos, livros e artigos em congressos.

1. A ESCOLA E A VIOLÊNCIA

Na sociedade moderna, a escola emerge como uma instituição fundamental para a constituição do indivíduo, as primeiras experiências de socialização de uma criança se restringe a sua família, a igreja, aos vizinhos, enfim, a um círculo bastante restrito, onde, discrepâncias sociais não existem e se estão presentes neste momento, a criança não possui a cognição necessária para estabelecer qualquer distinção socioeconômica. A escola surge como a esperança de ser o alicerce da sociedade e se forma como uma

⁵ Professor de Ciências da Educação da Universidade de Bourdéis na França e Presidente do Observatório Internacional da Violência Escolar.

instituição social agregadora de valores, objetivos e metas, onde são empregados e reelaborados os conhecimentos socialmente produzidos.

É na escola que a criança e o jovem vai realmente experimentar um ambiente social novo, distante da figura protetora dos pais, onde, se inicia as experiências do conhecimento técnico e também do cultural. É neste espaço que o indivíduo passa a conviver com as diferenças sociais e os conflitos de interesses e aspirações. A escola passa a ser o espaço de desenvolvimento e aprendizagem que envolve todas as experiências, nesse processo de crescimento e amadurecimento, considerando tudo como significativo, como os aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos.

Em que momento a escola passa a ser também um espaço de manifestação da violência? O que se sabe, é que isto não é algo novo e inerente da sociedade moderna capitalista, existem relatos do século XIX de atos de vandalismo em certas escolas de 2º grau da Europa. Entretanto, a partir do início dos anos 1980, essa questão surge com força no debate público. É nesse momento que a mídia, sobretudo a imprensa escrita e a televisão, age como espaço possível de ressonância de denúncias que afetavam a vida dos estabelecimentos escolares situados na periferia das grandes cidades do mundo. Em geral, o tom predominante era o de expor as precárias condições dos prédios quanto aos equipamentos mínimos de proteção. Eram denunciadas, também, as constantes depredações dos edifícios e invasões, observadas nos períodos ociosos, principalmente nos fins de semana.

É neste mesmo período que os estudos acerca da violência tomam corpo, especialmente no que se refere à violência escolar. Algumas perguntas referentes a este assunto passam a fazer parte das conversas corriqueiras e também estão presentes nos debates acadêmicos. Ora, se vê com maior frequência, através das notícias de jornal, atos de violência entre jovens alunos, ou entre professores e alunos. O sentimento de insegurança passa a rondar a instituição formadora social, que outrora, parecia distante desses eventos. Entre as perguntas, então essas: A violência urbana alcançou a escola? Ou a escola produz um tipo de violência específico?

Esse deslocamento de interesse pela violência intraescolar, por parte dos estudiosos, vai além de uma resposta da Academia à midiatização do fenômeno violência. Parece responder a um agravamento da questão da violência em termos sociais mais amplos, o que afeta diretamente a escola. De forma geral, esses três

assuntos passam a pauta: 1º) Atenção à saúde psíquica dos alunos e a consolidação do *bullying*⁶ como violência; 2º) A invasão efetiva da escola pela violência externa à instituição; 3º) Quando a escola incorpora, na ação dos sujeitos nela atuantes, elementos da cultura da violência, cultura essa que se desenvolve em articulação com o crescimento das ações violentas na sociedade.

A violência é um problema que atinge as mais variadas esferas sociais. Ela também está presente nas ações dentro das escolas e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Professores, corpo administrativo e alunos, todos são vítimas e algozes em potencial, estão todos, entrelaçados pelo medo e pela tensão dos conflitos do cotidiano.

2. O QUE É VIOLÊNCIA?

A primeira questão com a qual se depara o pesquisador, ao tratar da violência como tema acadêmico, diz respeito à dificuldade de conceituá-la devidamente e Bernard Charlot⁷ faz uma ponderação sobre: “é difícil falar de violência, sem fixar normas, mas parece impossível falar dela rigorosamente, fixando normas...” (CHARLOT, 2002, p.439). Uma busca cuidadosa na literatura faz concluir que estamos diante de um termo que possui determinações complexas e que comporta contradições e ambiguidades.

A palavra violência⁸ deriva do Latim “*violentia*”, que significa “veemência, impetuosidade”. Mas na sua origem está relacionada com o termo “violação” (*violare*). Violência significa usar a força física de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico. Mas, para os estudos sociais, a definição do caráter violento de um ato, não depende somente da determinação léxica do termo, mas também, dos valores culturais de cada grupo social, das circunstâncias em que foi praticado e até de disposições subjetivas, podendo assim, ser entendido como ato físico, simbólico, institucional e como uma infração penal.

⁶ O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. Retirado site: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>.

⁷ Professor de Ciências da Educação, ESCOL, *Université Paris 8 Saint Denis*.

⁸ Site consultado para o significado de violência: (<http://www.significados.com.br/violencia/>)

Diante da diversidade de conceitos que existe acerca da violência, se faz necessário uma breve exposição da observação de alguns autores, cuja apreciação, revela as ramificações de sentido que o conceito violência recebe, nos mais variados estudos. É importante ressaltar que o objetivo deste estudo é a violência no âmbito escolar, logo, a escolha dos teóricos que se seguem tem uma aproximação ao tema tratado neste artigo.

As concepções teóricas acerca do conceito violência evidenciam a falta de consenso no que tange a uma visão global ou restrita do termo, ou ainda, se alcance teórico é demasiadamente simbólico, físico ou psíquico. Alba Zaluar⁹ nos inicia ao tema dizendo:

Na escola, hoje, a violência apresenta a dupla dimensão [...]: (1) a violência física perpetrada por traficantes ou bandidos nos bairros onde se encontram, assim como por alguns dos agentes do poder público encarregados da manutenção da ordem e da segurança, e (2) a violência que se exerce também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro. (ZALUAR, 2011, p.148)

Pierre Bourdieu¹⁰ tem relevante destaque dentre os pesquisadores que analisam a violência sobre critérios outros que não o da infração penal ou criminalidade, sua teoria é muito utilizada nas observações acerca da violência intraescolar. A utilização do conceito de violência simbólica para estes pesquisadores explicaria a origem desse fenômeno social.

“[...] instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra [...] dando o reforço da sua própria força que as fundamenta e contribuindo assim, [...] para a domesticação dos dominados.” (BOURDIEU, 1989, p. 11)

Ou seja, a violência simbólica ocorre quando a classe que domina economicamente impõe sua cultura que é o elemento fundamental de conhecimento –

⁹ Alba Zaluar é professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde coordena o Núcleo de Pesquisas das Violências (NUPEVI), localizado no Instituto de Medicina Social.

¹⁰ Sociólogo francês, foi docente na *École de Sociologie du Collège de France*.

sistemas simbólicos – as demais classes. O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma. A violência simbólica se expressa na imposição da cultura dominante e segundo Bourdieu seria operada sempre e necessariamente pelos mandatários do “Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 1989, p. 46), o que inclui o professor. A sala de aula seria um espaço de reprodução das relações do mundo do trabalho, assim sendo, um espaço de dominação, onde a integração social das classes seria constantemente reafirmada.

Hannah Arendt¹¹ em seu livro “Da Violência” vai fazer uma desconstrução do conceito da violência difundida em nossa sociedade. Para esta autora, os termos poder, vigor, força, autoridade e violência são tomados como sinônimos porque tem, na compreensão comum, a mesma função, isto é, indicar “quem domina quem”, destaca ainda ser “necessário uma mudança de percepção - deixar de reduzir o público à questão do domínio - para que a precisão conceitual se manifeste.” (ARENDR, 1994, p. 36)

Segundo Arendt, “a violência tem capacidade de destruir o poder mais nunca de criá-lo” (ARENDR, 1994, p.31), outra distinção importante é que o poder pode ser legitimado, enquanto a violência, no máximo poderá ser justificada como instrumento a ser usado para se chegar a um determinado fim. Diante disso, ela propõe uma diferenciação entre os conceitos de violência e poder, uma vez que onde um está o outro imediatamente é eliminado. Ela irá exemplificar essa diferença com os conceitos de vigor, força e autoridade.

¹¹ Filósofa Política alemã.

O vigor, “designa algo no singular, uma entidade individual” [...] constituindo-se em “propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação com outras coisas ou pessoas, mas sendo essencialmente diferente delas” (ARENDDT, 1994, p.37)

Força, "deveria ser reservada, na linguagem terminológica, às “forças da natureza” ou à “força das circunstâncias”, isto é, deveria indicar a energia liberada por movimentos físicos ou sociais” (ARENDDT, 1994, p. 37)

A autoridade, “Sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam: nem a coerção nem a persuasão são necessárias” (ARENDDT, 1994, p.37)

Para Arendt, a violência é um meio, um instrumento para o alcance do fim almejado que é o poder. A violência consegue a obediência mediante a coerção. Por outro lado, o poder atinge a obediência, pela persuasão e a autoridade prescinde ambos. Ou seja, onde existe há necessidade do uso da força, não há autoridade. Do mesmo modo, ela também inexistente onde todos são iguais e podem, portanto, entregar-se ao jogo da persuasão e do convencimento de parte a parte.

[...] o poder é de fato a essência de todo governo, mais não a violência. A violência é por natureza instrumental; como todos os meios ela sempre depende da orientação e da justificação pelo fim que almeja. (ARENDDT, 1994, p.40-1)

Em educação, especificamente no estudo da violência escolar, essa distinção conceitual que a autora utiliza para compreender este fenômeno, conduzirá para estudos não apenas da violência expressa “na” educação, mas a violência produzida “pela” educação, abrindo espaço para indagações da própria educação como instrumento de violência.

Os estudos realizados na França sobre a violência escolar são fontes riquíssimas de conteúdo para os que querem dedicar-se ao estudo desse tema. Eric Debarbieux e Bernard Charlot fazem parte do que se pode considerar como a Escola Francesa de Estudos Sobre Violência Escolar, eles são pioneiros nos debates e proposições em políticas públicas que buscam atenuar os efeitos físicos e psicológicos que esse fenômeno causa.

Debarbieux expõe que a violência deve ser estudada em seu sentido mais amplo, se opondo à crítica feita por autores que apoiam a restrição do conceito violência e justificam sua posição por crerem que a generalidade do termo causa um inchaço epistemológico no mesmo, tornando-o impalpável.

Em termos metodológicos, não deveríamos estar pesquisando a violência como um todo indivisível; deveríamos, pelo contrário, estarmos multiplicando os pontos de vista (os indicadores), o que nos traz de volta a um conceito que é inoperante devido a sua generalidade – e nós admitimos que a definição ampla gere esse problema. Os pesquisadores deveriam, simplesmente, explicar seus pontos de vista e suas escolhas, e demonstrar como seus resultados tornam mais legível essa realidade. Essa é a vantagem de acumular pontos de vista fragmentados, que giram em torno do assunto, construindo um conhecimento que é sempre temporário e que será substituído assim que surgirem novos indicadores e novas operações de pesquisa. (BLAYA; DEBARBIEUX, 2002, p. 65)

Para Debarbieux a definição de um conceito, de forma restrita, não aponta para uma verdade absoluta com relação ao mesmo, mas apenas demonstra a construção social sob o qual o mesmo adveio.

Em outras palavras, há um erro fundamental, idealista e ahistórico, em acreditar que definir a violência, ou qualquer outro vocábulo, consista em se aproximar o mais possível de um conceito absoluto de violência, de uma “ideia” da violência eu, de fato, tornaria adequados a palavra e a coisa. (DEBARBIEUX, 2001, p. 164)

Bernard Charlot por sua vez, integra o grupo dos pesquisadores que acreditam que o conceito de violência deva ser examinado através de categorizações. Ele propõe uma diferenciação da violência “à” escola, “na” escola e “da” escola.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição [...] A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar [...] a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam [...]. (CHARLOT, 1992, p. 435)

Charlot discorre que só dessa forma é possível o estudo criterioso dessa temática, ele estabelece também diferenciações entre, violência, incivilidade, agressão, agressividade e transgressão.

Bourdieu, Hannah Arendt, Debarbieux e Charlot se distanciam de forma sutil teoricamente, pois, ou analisam o fenômeno em seu todo, ou transitam através de categorizações. Sutil, pois, apesar de metodologicamente se distanciarem, o fenômeno possui um todo social que inevitavelmente estará presente em seu exame.

3. AMPLIANDO O CONCEITO DE VIOLÊNCIA

Eric Debarbieux defende uma visão geral sobre a violência que ocorre no interior dos estabelecimentos escolares, uma abordagem que inclua a violência física e a simbólica, além de levar em consideração o relato das vítimas.

O primeiro ponto que Debarbieux evidencia é a observação do meio social, segundo ele, a maioria dos estudos vincula o aumento da violência em estabelecimentos “sensíveis” à condição socioeconômica dos bairros onde se localizam. A literatura que trata do assunto, segundo o autor, identifica nestes estabelecimentos uma verdadeira subcultura da oposição escolar, uma verdadeira subcultura do gueto. Mas o que justificaria a existência de atos violentos no interior de escolas em bairros considerados seguros e de classes elevadas? Diante desse quadro, Debarbieux sustenta que “o pesquisador precisa encontrar instrumentos que permitam medir o peso dos determinantes sociais sobre a vida dos estabelecimentos e seu eventual clima de violência”. (DEBARBIEUX, 2001, p. 45)

Outro ponto de relevância para Debarbieux é a origem da violência no âmbito escolar. Para ele, o processo de democratização do acesso à escola, que passou a acolher

os menos favorecidos, não esteve atrelado à qualidade e igualdade de condições, gerando assim conflitos internos que mal resolvidos levam à violência. Por isso, alguns desses novos alunos desenvolveram certo bloqueio com relação ao ensino e a escola. Neste ponto, ele destaca que “a violência dos alunos apareceu como determinada pela violência simbólica” (DEBARBIEUX, 2001, p. 185). Ou melhor, a escola e o seu corpo docente não estavam preparados para atuarem nesse novo ambiente social que se desenvolvia e a escola passa a gerar um ciclo excludente e o ensino reflete uma classe, temos assim a face de uma escola de classe.

Debarbieux considera a incivilidade uma questão importante a ser considerada no estudo dos atos violentos na escola, isso por que, para ele “a incivilidade permite pensar as microviolências” (DEBARBIEUX, 2001, p. 179). Mas, avalia também, que a incivilidade não deve servir para minimizar a violência e a delinquência, pois um ato de incivilidade se agrava à medida que se repete.

A incivilidade que se revela na escola não deve ser pensada sob a forma do conflito “bárbaros” X “civilizados”: a incivilidade não é a não-civilização, nem simplesmente a má educação. Ela é conflito de civilidades, mas não um conflito de civilidades estranhas umas às outras e para sempre irredutíveis e relativas. Há, antes, troca e oposição de valores, de sentimentos de pertinência diversas.” (DEBARBIEUX, 2001, p. 179)

Este estudioso destaca ainda como forma de expansão da pesquisa sobre a violência escolar, a audição das vítimas. Segundo ele, “ao se optar por ouvir as vítimas, as pesquisas convidam assim a primeira inversão epistemológica” (DEBARBIEUX, 2001, p. 177). O pesquisador não terá a possibilidade neste modelo de apresentar o que ele considera como violência, mas ter por parte dos próprios atores sociais que a sofrem, o que para eles é violência. A variabilidade dessas qualificações é extensa e varia entre alunos e alunos e professores.

De fato, as pesquisas de vitimação demonstram que, se um número não decisório de alunos e docentes são vitimados, na imensa maioria dos casos o que é considerado como violência não emerge meramente do Código Penal, mas se agrupa sob

categorias cômodas da “violência verbal”, ou até mesmo simplesmente do “clima” ou da “falta de respeito”. (DEBARBIEUX, 2001, p. 178).

Debarbieux acredita que o desenvolvimento de parcerias entre a escola e as famílias é forma de acompanhar as mudanças educativas em curso, uma forma de não desvencilhar a realidade familiar da realidade escolar do aluno, onde tanto uma como a outra, agiria de modo a contribuir para obtenção de dignidade aos diferentes atores sociais envolvidos no processo educativo.

4. TIPOS DE VIOLÊNCIA

Para o estudo da violência escolar, certas distinções conceituais são necessárias, mas ressaltam que isso não é tarefa fácil. Fazer uma diferenciação da natureza dos atos violentos no ambiente escolar é um caminho para sua análise, mas sabem que são passíveis de falha, ao restringir ou ampliar o conceito, dando mais importância para este ou aquele evento. Contudo, para estes estudiosos, entender as partes, levará a um entendimento do todo do fenômeno. Dessa forma, eles utilizam a separação em níveis de gravidade, classificando em mais ou menos grave os atos de violência em suas investigações, estabelecendo os *tipos de violência*.

Tal distinção é particularmente útil, não só porque permite não misturar tudo em uma única categoria, mas também porque designa diferentemente lugares e formas de tratamento dos fenômenos. Assim, um tráfico de drogas não depende do conselho de disciplina do estabelecimento, mas da polícia e da Justiça; inversamente, um insulto ao ensino deve ser tratado pelas instâncias do estabelecimento e não justifica que se chame a polícia. Quanto à incivilidade, ela depende fundamentalmente de um tratamento educativo. (CHARLOT, 2002, p.437)

Através dessa citação acima, é possível intuir que o pesquisador francês Bernard Charlot faz parte desse grupo. Charlot propõe em seu exame sobre a violência escolar

uma diferenciação deste fenômeno em três tipos: (1) violência, (2) transgressão e a (3) incivilidade.

O primeiro tipo estaria relacionado à infração da lei, que segundo o autor “o termo violência [...] deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de drogas na escola, insultos graves”(CHARLOT, 2002, p. 437). A transgressão, por sua vez, estaria relacionada a um comportamento que vai de encontro à norma do estabelecimento, um comportamento “não ilegal do ponto de vista da lei; absentismo, não-realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc.” (idem). E a incivilidade, seria um ato contrário às regras de boa convivência:

Enfim, a incivilidade não contradiz, nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras da boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataques cotidiano – e com frequência repetido – ao direito de cada um (professor, funcionário, aluno) ver respeitada sua pessoa. (CHARLOT, 2002, p. 437)

Para Bernard Charlot, seria ainda pertinente distinguir a questão da agressão e da agressividade.

A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva à angústia e à agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal. (CHARLOT, 2002, p. 436)

Para este pesquisador, a violência no meio escolar piora por tratar-se de uma instituição, onde sua base se encontra na ordem da linguagem e da troca simbólica, e não na da força física. Segundo Charlot, não se pode crer que a resolução do problema está atrelada ao desaparecimento no meio escolar da agressividade e do conflito, mas deve-se buscar a todo o momento a via da palavra e do argumento, em detrimento do uso da violência, isso porque, segundo o autor “a violência será bem mais provável, na medida em que a palavra se torna impossível”. (idem)

Álvaro Chrispino¹² também compartilha da ideia que ao especificar o estudo da violência intra escolar - “classificar é uma forma de dar sentido” (CHRISPINO, 2007, p.18) – o pesquisador minimiza os efeitos que a generalização causa ao imaterializar o conceito de violência. Ele considera essencial que a observação dos atos violentos, na ou da escola, sejam observados sob a ótica da vida cotidiana, onde a todo o tempo estamos suscetíveis a diversos conflitos intra ou inter pessoas, e que isto, incide desde a infância e nos acompanha em todas as fases da vida.

Partindo dessa observação, ele estabelece uma distinção entre conflito e conflito escolar. O conflito para Chrispino é parte integrante da vida em sociedade, em todos os tempos, isso porque, a origem do conflito se encontra nas diferenças de interesse, de desejos e aspirações que um indivíduo tenha em divergência com outro de seu convívio social. Outro ponto motivador de conflitos está na dificuldade de comunicação, na falência do diálogo como meio possível de resolução de tensões.

Para este pesquisador, o conflito alcança a escola de forma intensa a partir da massificação do ensino, isso porque a escola recebeu alunos sem está preparada, sem que os docentes estivessem organizados e devidamente embasados para lidar com as diferenças sociais que estavam fora da escola e que passavam a integrar as suas salas de aula.

“Com a massificação, trouxemos para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, com diferentes expectativas, com diferentes sonhos, com diferentes valores, com diferentes culturas e com diferentes hábitos [...], mas a escola permaneceu a mesma!” (CHRISPINO, 2007, p.16)

Para este autor o fator das diferenças acumuladas sem o devido trabalho pedagógico é fator crucial para o surgimento de conflitos mal resolvidos dentro da escola, o que gera a violência. Como a escola está acostumada historicamente a lidar com um tipo padrão de aluno – crianças pertencentes a mesma classe social, com

¹² Doutor em Educação e tem ainda, Pós-doutorado em Administração Pública pela FGV/EBAPE. Professor dos Programas de Mestrado e de Química no Ensino Médio.

rendimento escolar aproximado – ela apresenta a regra e requer dos alunos enquadramento automático.

Entretanto, para ele o conflito não possui apenas a propriedade de dissolver a ordem, pois, “a ordem e o conflito são resultado da interação entre seres humanos. A ordem, em toda sociedade humana, não é outra coisa senão uma normatização do conflito” (Ibid., p.17). Ou seja, somente o estudo e a compreensão das relações que existem dentro da ordem podem permitir o entendimento completo dos conflitos que nela se estabelecem e que, por fim, é a razão de sua existência.

Carol Hayden¹³ e Catherine Blaya¹⁴, ao estudarem os comportamentos violentos e agressivos nas escolas, puseram em evidência um tipo específico, o *bullying*. O *bullying* é uma palavra inglesa que foi adotada em outros países para que não haja perda de sentido, e também, para que seja uma terminologia universal sobre um tipo específico de comportamento violento que se assemelha em todos os países. O *bullying* foi definido como “o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão”(apud Tattum e Herbert, 1993).

A forma de manifestação do *bullying* nas relações sociais estabelecidas na escola está intimamente ligada ao abuso de poder. Os xingamentos, a extorsão e a exclusão de uma criança de um grupo de amigos são as formas mais comuns desse tipo de intimidação, mas a violência física e gestos ofensivos também estão associados, além da ofensa moral, através de boatos que causam vexame diante do grupo.

Os estudos demonstram que as vítimas não conseguem se defender. As crianças intimidadas muitas vezes possuem algum tipo de dificuldade de relacionamento com os colegas de classe, por vezes, são crianças tímidas. Algumas delas têm a aparência física diferente dos demais e determinadas crianças apresentam algum tipo de fragilidade, e por isso tornam-se alvos dessa conduta. Ser alto, ser baixo, usar óculos, ser negro ou gordo, todas as diferenças são estigmatizadas.

O agressor também possui um perfil característico, Hayden e Blaya concluem que “o ambiente familiar geralmente é identificado como sendo de algum modo “difícil” ou “perturbado”” (p.73) e é frequente que essas crianças tenham sido submetidas à

¹³ Professora de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Portsmouth, Inglaterra.

¹⁴ Professora de Ciências da Educação da Universidade de Bourgogne na França e integrante do Observatório Internacional da Violência Escolar.

violência doméstica. Ou seja, elas acabam reproduzindo no ambiente escolar, o uso da força e da intimidação, sob a qual é sujeitado em seu meio familiar.

Outra característica que ajuda na identificação do *bullying* é o seu período de duração, normalmente o seu desenrolar dura bastante tempo. Antes dos estudos mais aprofundados acerca desse tema, até que se pudesse notar as implicações dos atos de intimidação e violência, levavam-se anos, por tender ser ignorado pelos professores, pois acreditava-se que este era um comportamento normal da infância. Hoje é sabido que os efeitos são consideráveis, gerador de indivíduos inseguros com baixa autoestima, indivíduos violentos, desinteressados na escola, contribuindo para um baixo nível de desempenho escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência, em especial, a violência no interior da escola, é um problema estabelecido. Não se tem mais como negar sua existência, e principalmente, delongar ações mediadoras que leve em um futuro próximo a atenuação de ocorrências dessa natureza no ambiente escolar. Existe a falta de consenso a respeito do conceito de violência, mas há igualmente, uma consonância entre os pesquisadores que deve ser levada em consideração que está na medida em existe este fenômeno social e suas implicações, reconhecidos e bem avaliados, os estudos podem e devem se desdobrar em políticas públicas na área de educação, saúde e segurança.

Percorremos neste artigo as variadas definições que são utilizadas para o estudo da violência escolar e sua amplitude, em um primeiro momento, resgatando os valores simbólicos que estão agregados à instituição escola. Em seguida, apontando para o conceito de violência em Bourdieu, Hannah Arendt, Debarbieux e Bernard Charlot. Posteriormente, apresentei duas correntes de estudos sobre violência escolar. A primeira mais restrita, que busca através de uma categorização alcançar o sentido deste fenômeno, e a segunda, mais ampla, que leva em consideração as categorizações, mas avança no sentido do estudo dos relatos das vítimas.

É possível apreender após essa exposição, que a violência escolar tem uma base social que possibilita sua ocorrência. E não é difícil entender que quando a escola, a

comunidade e a família não estão unidas em prol do desenvolvimento cognitivo e social da criança e do adolescente, os conflitos serão recorrentes e a violência banalizada.

Diante do exposto, fica logo bem claro que a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos, o que está em jogo também é a capacidade de a escola e seus agentes suportarem e gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica. Sendo a instituição escola ora vítima, ora algoz da violência, o papel do docente é fundamental para um entendimento amplo do fenômeno social demarcado neste trabalho. Nesse sentido conjuntamente com a mudança do olhar social sobre a violência escolar, também deve haver uma modificação no papel social assentado sobre os professores.

Por vezes, a busca ansiosa por parte da administração da escola, dos profissionais da educação e do Estado, por ações que amenizem a problemática, tem por resultado, o fracasso. Isto agrava qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Policiais, detectores de metais, advertências ou expulsões são medidas que não têm adiantado no combate à violência, pois são também atuações agressivas. Estas ações têm atingido o fenômeno superficialmente, apenas em seus efeitos aparentes. Ao lidarem com questões de violência utilizam violências ainda maiores, com medidas exclusivamente punitivas, estão adiando a questão e camuflando seus efeitos, para que mais tarde tudo volte à tona.

A expressão da violência possui raízes profundas que vão além das aparências e de tudo aquilo que é palpável e visível aos nossos olhos. É preciso que os profissionais das áreas das ciências humanas, em especial educadores, cientistas sociais e juristas, em ações conjuntas, aprofundem o seus estudos sobre a violência escolar. Alcancem suas implicações, características, conceitos e expressões, livres de preconceitos e alarmismos midiáticos. Uma vez que se parte, a priori, que a escola tem como objetivo formar e humanizar o indivíduo como sujeito histórico a partir do conhecimento científico, e o professor, é o mediador desse sistema. A escola não deve ser locus de eclosão e reprodução de conflitos sociais existentes na comunidade, pois é nela que o diálogo para a resolução dos problemas sociais deve iniciar-se.

A família e a participação da comunidade no enfrentamento desse problema podem contribuir no processo de superação da violência, pois, como se sabe, este problema não aflige somente as escolas da periferia, mas também escolas localizadas

em bairros da classe média e alta. A otimização do espaço escolar em prol do uso dos moradores do entorno da mesma, trás consigo um sentimento de pertencimento que acarreta um zelo e um cuidado muito maior com aquele espaço.

Investindo na formação de professores, na aproximação com a comunidade e na aprendizagem são caminhos para a superação deste problema. Políticas públicas específicas é um percurso necessário para transpor esse obstáculo para uma educação efetiva. Deixo aqui também algumas perguntas feitas por Debarbieux que desafiam o pesquisador: “A escola deve ser uma escola do bairro ou uma escola no bairro? As causas das violências são puramente externas ou o estabelecimento de ensino tem sua parte de responsabilidade?”. (DEBARBIEUX, 2001, p. 182).

Por fim, gostaria de salientar que este trabalho não possui a pretensão de esgotar o debate sobre a violência escolar, mas trazer novamente ao debate a temática, suas possíveis formas de estudo e soluções para este fenômeno.

REFERÊNCIA:

ARENDDT, Hannah. **Da Violência**. RJ. Vozes. 1994.

BLAYA, Catherine. ; DEBARBIEUX, Eric. **Violência nas escolas e políticas públicas**. UNESCO. Brasília, 2002.

BLAYA, Catherine. ; DEBARBIEUX, Eric. **Violência nas escolas: Dez abordagens europeias**. UNESCO. Brasília, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15ª Ed. – Rio de Janeiro, Editora: Bertrand Brasil, 2011.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**, Revista Sociologias, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002 .Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 21 maio. 2011.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**, Ensaio: avaliação, política pública Educacional, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

DEBARBIEUX, Eric. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997)**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 163-193, jan./jun. 2001.

ZALUAR, A E LEAL, M. C. **Violência Extra e Intra Muros**, Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.16, n. 45 p. 145-164. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, G. J. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Caderno Cedes, v. 19, n. 47, p. 7 – 19. Disponível em: <<http://www.scielo.org>> Acesso em: 22 jun. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes: um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Revista do Laboratório de Estudos da Violência – UNESP, Ano 2010 - Edição 6 – Número 06 Dezembro/2010. Disponível em: <www2.marilia.unesp.br/revistas/>. Acesso em: 10 de Março de 2013.

GARCIA, Joe. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas SP, v.8, n.1, p.10-32, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2138>> Acesso em: 10 de março de 2013.

GASPARIN, João Luiz; LOPES, Claudivan S. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente**. Acta Scientiarum: Human and Social Sciences. V. 25, n.2 Maringá: UEM/PPG, p. 295-304, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo, UNESP, 1991.

NEGRÃO, Adriane Vasti Gonçalves.; GUIMARÃES, José Luiz. **A indisciplina e a violência escolar**. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo7/aindisciplina.pdf>> Acesso em 17 de março de 2013.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. **Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra**. Psicol. Soc., jan./abr. 2007, vol.19, no. 1, p.90-98.

SANTOS, José Vicente T. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo: v.27, n.1, p.105-122, Jan/Jun 2001.

SPOSITO, M. P. **Instituição escolar e a violência**. Instituto de Ciências Avançadas da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <www.iea.usp.br/observatorios/educacao> Acesso em: 17 abril. 2011.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina.; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente**. Temas em Psicologia - 2010, Vol. 18, no 1, 45 – 55. Disponível em <<http://www.sbponline.org.br/revista2/vol18n1/PDF/v18n1a05.pdf>> Acesso em: 10 de março de 2013.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper.; FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira.; **Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf> Acesso em: 10 de março de 2013.

TEIXEIRA, M. C. S.; PORTO, M. R. S. **Violência, insegurança e imaginário do medo**. Caderno Cedes, v.19, n.47, p. 51-66. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 21 maio. 2011.